

AS LÍNGUAS DE SUBMISSÃO NOS PERIÓDICOS DO PORTAL DE REVISTAS USP EM MEIO AO PROCESSO DE INTERNACIONALIZAÇÃO DAS UNIVERSIDADES

Larissa da Silva Rosa¹

María Teresa Celada²

Resumo: De uma perspectiva discursiva, este artigo representa uma primeira aproximação a aspectos que permitem compreender o lugar que ocupam as línguas na circulação de conhecimento dentro do processo de internacionalização da Universidade de São Paulo. Como caminho de resposta à pergunta “quais são as línguas indicadas para a submissão de artigos nas revistas diretamente ligadas à USP?” mobilizamos problemáticas e propostas apontadas por diversos autores (ARNOUX, 2016; HAMEL, 2013, 2016; HELENE, 2017; ORTIZ, 2004) preocupados pela hegemonia do inglês no campo das CES; observamos através do Portal de Revistas USP o modo como essa instituição se projeta no referido processo; e, por último, apresentamos as línguas indicadas para a submissão de artigos nos periódicos desse Portal.

Palavras-chave: Línguas; produção de conhecimento; Portal de Revistas USP; Línguas de submissão; Internacionalização das universidades.

Resumen: Desde una perspectiva discursiva, este artículo representa un primer acercamiento a aspectos que permiten comprender el lugar que ocupan las lenguas en la circulación de conocimiento dentro del proceso de internacionalización de la Universidad de São Paulo. Como forma de responder a la pregunta “¿cuáles son las lenguas indicadas para someter artículos en revistas directamente vinculadas a la USP?” traemos problemáticas y propuestas señaladas por diversos autores (ARNOUX, 2016; HAMEL, 2013; 2016; HELENE, 2017; ORTIZ, 2004) preocupados por la hegemonía del inglés en el campo de las CES; observamos a través del Portal de Revistas USP la forma en que se proyecta esta institución en el referido proceso; y, por último, presentamos las lenguas indicadas para el envío de artículos en las revistas de ese Portal.

Palabras clave: Lenguas; Producción de conocimiento; Portal de Revistas USP; Lenguas de envío; Internacionalización de las universidades.

Introdução

O presente artigo é fruto do relatório final de Iniciação Científica “As línguas de submissão (e de publicação) nos periódicos do Portal de Revistas USP” (ROSA, 2020) concluído em julho de 2020 na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP) e orientado pela Profa. María Teresa Celada, docen-

¹ Bacharelado e Licenciatura em Letras Português e Espanhol (FFLCH-USP). Auxiliar Técnico de Educação na Prefeitura de São Paulo. Professora de Língua Espanhola na rede particular de ensino em Carapicuíba - SP. E-mail: rosalarissa125@gmail.com;

² Doutora em Linguística. Docente da Área de Espanhol do Departamento de Letras Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana (FFLCH-USP). E-mail: maitecelada@usp.br.

te dessa instituição. Inquietados pelo avanço e imposição da “ideia universal” segundo a qual o inglês é a língua das Ciências e da Educação Superior (doravante, CES) e interessados em indagar acerca do lugar das línguas – principalmente o do português e o do espanhol – na circulação de conhecimento nas revistas vinculadas a essa universidade (USP), percorremos um caminho que acompanhou a necessidade de abordar três aspectos. O primeiro deles, o mais abrangente, nos levou a discorrer, em parte, sobre o processo contemporâneo de internacionalização das universidades bem como a ideia linguística que o atravessa – o inglês como língua hegemônica; em contrapartida, como reação aos efeitos produzidos nesse contexto, também apresentamos algumas das propostas para fortalecer o par português-espanhol na América do Sul e/ou na América Latina. O segundo aspecto se relaciona com a necessidade de conhecer o modo como a USP vem se projetando dentro desse processo. A consideração do terceiro, por fim, nos levou a realizar uma análise discursiva dos fragmentos de texto presentes – como veremos – em determinadas abas das páginas dos periódicos nos quais aparecem as indicações das línguas para a submissão de artigos nos, até então, 188 periódicos vinculados ao Portal de Revistas USP.³

No presente texto esses três aspectos constituirão nosso roteiro, sendo que no caso do tratamento do último deles nos limitaremos a apresentar parte dos resultados da análise realizada no referido relatório de Iniciação Científica (ROSA, 2020).

1 A internacionalização das universidades

O processo de globalização contemporâneo instala o que poderíamos chamar de “sentidos universais” – ou, se preferirmos, “globalizadores” – que se estabelecem por meio de um discurso que serve de base a tal processo. Esses sentidos dificilmente são questionados ou, quando são, a crítica levantada não consegue atingi-los, já que – numa relação de forças assimétrica, marcada pela hegemonia de um tom eufórico, favorável à globalização – vão ganhando força como “evidência”. Nisso consiste, como sabemos, o trabalho da ideologia (ORLANDI, 1994).

De nossa perspectiva, o atual processo de internacionalização das universidades se inscreve nesse de globalização e uma das ideias fortemente instaladas – aqui já antecipada – é aquela segundo a qual o inglês se apresenta como “a língua universal” das CES. Essa ideia faz parte de um processo no qual a essa língua são atribuídas “características próprias” – no caso, ser “neutra”⁴ e de “estrutura mais simples”⁵ – que a

³ Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/wp/>. Acesso em: 25 abr. 2021

⁴ A respeito do monopólio do inglês e do imaginário das vantagens decorrentes de seu uso, Ortiz (2004) escreve: “Seu estatuto é, portanto, de neutralidade, funcionando sobretudo como meio de comunicação mais abrangente”.

⁵ Cabe lembrar, no complexo processo que produziu essas evidências sobre o inglês, o trabalho de ODGEN (1934, apud CELADA, s/d), quem sistematiza essa língua recorrendo a apenas 850 palavras em seu projeto Basic English. Nessa obra é possível ver o quanto esse autor, mesmo sendo linguista, era capaz de plasmar ideias tais como: “o Inglês é hoje a língua natural ou governamental de

projetam como a melhor para funcionar como “global” e “da ciência” e, também, como “língua franca” que arrasta com ela um estilo progressivamente homogêneo de escrita e publicação acadêmica (BEIGEL, 2018, p. 3). Como aponta Ortiz (2004, p. 6), esse contexto implica uma hierarquização permanente das línguas para participarem de uma situação de “globalização” marcada por relações de poder dentro da qual elas estão em posição de menor prestígio em comparação à ideia estabelecida a respeito do inglês. Assim, afirma esse mesmo autor (ORTIZ, 2004, p. 6), “não é a unicidade das línguas” – com sua singularidade e potencialidade de dizer – “que se encontra em causa”.

Nessa perspectiva, o movimento dos pesquisadores, nas universidades, vem sendo – com diferenças nas diversas áreas do conhecimento – o de se submeter à injunção de escrever em inglês e de publicar em periódicos de alto impacto que estão diretamente ligados a “bancos de dados influentes que determinam os processos de inclusão, exclusão e hierarquização das publicações e de seus autores” (HAMEL, 2016, p. 21).⁶ É preciso dizer que esse movimento, impulsionado pelas políticas universitárias e por diversas instâncias da avaliação da pesquisa e do trabalho docente, afeta as respectivas línguas nacionais e as outras línguas do “espaço de enunciação” (GUIMARÃES 2002) no qual essas instituições e instâncias se inscrevem, além de também atingir seus sujeitos.

De fato, em decorrência desse processo o que temos é a limitação das funções e dos âmbitos de uso de cada uma das outras línguas que devem deixar espaço para uma única; Arnoux (2016, p. 290) dá o nome de “minorização linguística” para essa limitação. Desse modo, as línguas nacionais – ou como indicado por ORTIZ (2004, p. 10), as centrais e as supercentrais⁷ – deixam de ser línguas científicas e estabelecem superioridade para a outra língua, a hipercentral, o inglês. É por esse motivo que “naturalmente” acontecem casos como os seguintes: i) pesquisadores hispanófonos e lusófonos leem artigos em inglês, sendo que anglófonos dificilmente se dão ao trabalho de ler em outra língua (ARNOUX, 2016, p. 294); ii) se houver um estrangeiro que não fala português em algum congresso de Biologia que ocorre no Brasil, a língua em que se darão as falas automaticamente será o inglês (HELENE, 2017); e iii) progressivamente se estabelece a necessidade de oferecer determinados cursos em inglês (ARNOUX, 2016, p. 294) – por exemplo, na pós-graduação e nos cursos de verão.

Essa relação de subalternidade que vai se estabelecendo entre as línguas a respeito do inglês coloca em letalidade a precisa competência que cada pesquisador tem sobre a própria língua e favorece o monolingüismo, de forma que, como lemos em Ortiz (2004, p. 5), contraria o que os linguistas ensinam: “que toda linguagem é capaz de exprimir em conceitos a experiência humana, assim nenhuma delas é superior às outras”.

mais de 500 milhões de pessoas”; “é obrigatória em países com tantos diversos interesses como Japão, Alemanha, Argentina e Estônia”; “é a língua de mais de 800 emissoras dentro do universo de 1.400 emissoras de rádio e sua estrutura é mais simples do que qualquer outra das grandes línguas naturais” (grifos nossos). A obra citada pela autora é: ODGEN, Charles K. *The system of Basic English*. Nova Iorque, Harcourt: Brace and Company, 1934.

Nesse cenário atual alguns autores da área dos Estudos da Linguagem, dentre eles Arnoux (2016) e Hamel (2013), discutem maneiras de fortalecer o espanhol e o português como línguas científicas. Arnoux (2016, p. 297), dentro de um processo que projeta como de integração sul-americana, enfatiza gestos políticos do Estado argentino favoráveis ao desenvolvimento do campo científico-acadêmico, dentre os quais destacamos as ações sinalizadas na “Declaración del Consejo de Decanos de Facultades de Ciencias Sociales y Humanas”: estimular o mercado interno de produção e consumo de teorias, na forma de publicações periódicas de livros e revistas científicas, especialmente projetadas para serem escritas e divulgadas em espanhol e com circulação nacional e regional; e, junto com isso, elaborar uma política para a exportação de teorias e produção científica local por meio de um plano sistemático para a tradução em inglês e francês de cientistas nacionais, desenvolvendo formas de se associar com editoras euro-americanas interessadas em divulgar essa produção. Hamel (2013, p. 371), por sua vez, na defesa de um modelo plurilíngue e intercultural para a América Latina, apresenta propostas de políticas linguísticas integradas no campo das CES, sendo a principal ação o fortalecimento do espanhol, do português e de outras línguas como línguas científicas, frisando a relevância de interromper a relação de subalternidade que elas vêm mantendo a respeito do inglês. Assim, Hamel (2013, p. 371) projeta uma “zona interlíngue” dentro de um continuum entre dois polos – o “do espanhol ou português” e o “do inglês e de outras línguas estrangeiras” – para o qual prevê várias necessidades. Dentre as principais: a criação de bancos de dados monolíngues e plurilíngues e o fortalecimento, por um lado, do espanhol e do português nas produções e publicações científicas e, por outro, do intercâmbio científico no ensino, na redação e na tradução dessas e de outras línguas.

Segundo o próprio Hamel, para que o desenvolvimento dessa política integrada tenha êxito, depende em boa medida de sua coordenação com outras políticas públicas e institucionais sobre o desenvolvimento de investigação científica e da educação superior. Nesse sentido, retomamos a estruturação que Hamel (2013, p. 352) faz esboçando os domínios que compõem o campo científico, os quais dificilmente podem ser dissociadas do processo de formulação de resultados; aponta, assim, para a existência de três subcampos (ou esferas) inter-relacionados: i) produção científica, ii) circulação dos resultados e sua divulgação, e iii) formação do capital humano das ciências e das profissões. E, neste ponto, consideramos necessário dar destaque para um aspecto importante: a produção científica, como frisa o próprio autor, deve ser entendida como “processo completo” com as diversas fases de uma pesquisa e do afazer científico em geral. Por sua parte, a circulação compreenderia a comunicação e a divulgação científica que não se manifesta simplesmente nas publicações em periódicos, mas também na leitura de textos científicos, na compreensão auditiva de apresentações em congressos e em outros tipos de exposição oral.

Pensando no caso da América Latina poderíamos citar o que o próprio Hamel (2016, p. 17-18) diz a respeito da disjuntiva que, com relação ao inglês e em termos de políticas linguísticas, opera nesse espaço: ou nossos países se integram como sócios subordinados ao império e aceitam as categorizações e condições por ele estabelecidas ou desenvolvem uma política autônoma a nível nacional e regional baseada em uma análise dos próprios interesses, tendo como base linhas tais como as traçadas anteriormente. Considerando que, no contexto da América Latina, estamos de acordo com a segunda posição é fundamental que reflitamos sobre o lugar do português e do espanhol bem como sobre as ações relacionadas com um modelo científico plural e plurilíngue para o campo das CES. Assim, faz-se necessário também ver se essas duas línguas ocupam posição de destaque nos subcampos de produção e formação e se se fazem copresentes no subcampo da circulação.

No contexto que, de modo sintético, acabamos de apresentar destacamos problemáticas relacionadas à hegemonia do inglês no campo das CES e, também, trouxemos críticas e políticas propositivas. No entanto, o movimento de algumas universidades para se inscreverem no processo de internacionalização não parece considerar nem tais problemáticas nem as respectivas propostas, dando continuidade assim ao processo de cunho ideológico que faz do inglês a língua da produção de conhecimento.

2 A USP no processo de internacionalização

2.1 Uma primeira aproximação ao Portal de Revistas

No contexto dos debates que suscita a hegemonia da língua inglesa no campo das CES, sentimos, como discentes e docentes da Universidade de São Paulo, a necessidade de abordar práticas que permitam observar como, nessa instituição e dentro de seu processo de internacionalização, funciona uma política de línguas que poucas vezes é explicitada ou assumida; que, de forma regular, funciona de maneira implícita. Tal necessidade se vê reforçada pelo papel que essa universidade poderia ocupar no espaço latino-americano se liderasse projetos de integração e de fortalecimento das línguas tais como o apresentado por Hamel (2013; 2016).

Para tanto e de acordo com os objetivos detalhados na Introdução deste artigo, começamos por abordar o Portal de Revistas USP, biblioteca digital dos periódicos publicados por unidades, órgãos de integração e órgãos complementares dessa instituição. Citamos a seguir um trecho significativo da apresentação que consta na aba “sobre o portal”:

Apoiado na filosofia do Acesso Aberto, o Portal foi criado em 2008 com o objetivo de reunir, organizar e prover acesso pleno e gratuito às revistas publicadas sob a responsabilidade da Universidade de São Paulo, **ampliando sua visibilidade em âmbito nacional e internacional**. Em 2012 foi remodelado, alterando-se inclusive sua

tecnologia inicial, de modo a preparar tanto as revistas como seus editores para mais **um salto qualitativo rumo a internacionalização e modernização exigidas na contemporaneidade**. Com isso passa a integrar a rede de portais de revistas científicas que utilizam o Open Journal Systems como plataforma tecnológica.⁸

O primeiro que temos nesse fragmento é a vinculação direta da criação do Portal, em 2008, a uma política de circulação gratuita de conhecimento e, também, a uma ampliação da visibilidade nacional e internacional da própria Universidade. Registra-se, inclusive, a remodelação tecnológica de 2012, aí significada como “um salto qualitativo rumo à internacionalização e modernização exigidas na contemporaneidade”. Nesse dizer, os termos em negrito referem-se a sentidos que se apresentam como demandas postas pela contemporaneidade, conseqüentemente se apresentando como evidências às quais a instituição parece apenas se submeter.

Além disso, observamos o Edital 2020⁹ e o 2021¹⁰ do “Programa de Apoio às Publicações Científicas Periódicas da USP” (publicados no Portal de Revistas), cujos textos coincidem quase integralmente. Esse programa anual fornece apoio financeiro destinado às revistas que tiverem como “meta o aperfeiçoamento editorial e de conteúdo, a visibilidade e o impacto social e científico, além da profissionalização e internacionalização dos periódicos da USP oficialmente reconhecidos”. Como é perceptível, as propostas desse programa estão enlaçadas aos objetivos do Portal no tocante a dar visibilidade e reconhecimento nacional e internacional para os periódicos e, também, dão sustento ao conceito de internacionalização nele presente.

Esses dois editais contam com o item intitulado “Condições para a Submissão de Propostas”, no qual estão enumerados os requisitos obrigatórios para que os periódicos concorrentes sejam analisados. Citamos a seguir alguns desses requisitos tomando como base no Edital 2020:

2.4 Estar indexado em ao menos duas bases de dados internacionais ou dois indexadores com metadados; / 2.5 Possuir corpo editorial contendo ao menos dois editores afiliados a instituições nacionais externas à USP e um editor afiliado a uma instituição estrangeira; / 2.6 Possuir ao menos cinco avaliadores afiliados a instituições nacionais externas à USP e pelo menos dois avaliadores afiliados a instituições estrangeiras; / 2.7 Apresentar na página (website) do periódico, texto referente à política de direitos autorais, ética e antiplágio, com base nas diretrizes do *Committee on Publications Ethics (COPE)*; / 2.8 Possuir registro no *Directory of Open Access Journals (DOAJ)*; / 2.9 Apresentar na página (website) do periódico o tipo de *Licença Creative Commons* adotado; / 2.10 Estar classificado no Qualis no último quadriênio 2013-2016, com identificação da área

⁸ SOBRE O PORTAL. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/wp/?page_id=7. Acesso em: 18 dez. 2019. Grifos nossos.

⁹ EDITAL 2020. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/wp/?page_id=4190. Acesso em: 13 jun. 2020.

¹⁰ EDITAL 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/wp/edital-2021-apoio-a-periodicos-cientificos-da-usp/>. Acesso em: 17 abr. 2021.

correspondente; caso existam várias, destacar a da área principal; [...] (EDITAL 2020)¹¹

É interessante notar que do item 2.4 ao 2.6 há uma certa indeterminação a respeito das bases de dados e dos indexadores aos quais se faz referência bem como das instituições nacionais externas à USP ou das estrangeiras a que os editores e avaliadores precisam estar afiliados. No entanto, nas exigências presentes nos itens 2.7. a 2.10 começa-se a fazer presente uma maior determinação (e há, portanto, um procedimento de especificação) com relação aos registros, licenças e classificações. Essa explicitação é bastante importante, pois cria uma teia de relações prestigiosas na direção da internacionalização e modernização esperada pela instituição.

Levando em conta essas relações institucionais, destacamos ainda outro item dos editais, intitulado “Critérios de Distribuição de Recursos”, do qual citamos um fragmento tomado também do Edital 2020:

Grupo 1 – O periódico deve atender aos requisitos do Edital – Recursos até R\$ 14.000,00; / Grupo 2 – Além de atender aos requisitos do Edital, o periódico deve possuir classificação Qualis B1 ou superior no quadriênio 2013-2016, em sua área de conhecimento principal – Recursos até R\$ 40.000,00; / Grupo 3 – Além de atender aos critérios dos Grupos 1 e 2, o periódico deve estar indexado no SciELO ou em indexador internacional de referência para a área – Recursos até R\$ 70.000,00; / Grupo 4 – Além de atender aos critérios dos Grupos 1, 2 e 3, o periódico deve estar indexado na Base Web of Science e/ou Scopus – Recursos até R\$ 120.000,00. (EDITAL 2020).¹²

Como pode ser observado, à medida que aumenta o valor do apoio vão se acrescentando condições fundamentalmente vinculadas a exigências de indexação. Esse movimento parece trazer à tona os pressupostos da política que dá sustento ao processo encampado por essa instituição, capaz de garantir o caminho “rumo à internacionalização e modernização exigidas na contemporaneidade”.

Nesse sentido, achamos importante considerar alguns aspectos a respeito de grandes empresas detentoras de fortes bases de dados e indexadores. Segundo o que consta no texto de Hamel (2021, p. 78), a empresa canadense Clarivate Analytics (antiga Thomson Reuters) tem sucursais em mais de 100 países e é a companhia mais poderosa do mundo no que diz respeito a registro, seleção de revistas científicas e avaliação de artigos. Esse conglomerado empresarial, como Hamel (2016, p. 7-8) já apontava anteriormente, é dono da base de dados Web of Science, cujos procedimentos bibliométricos principais para qualificar as revistas são o índice de citação (citation index) e o fator de impacto (impact factor); essa empresa elabora e atualiza basicamente três bancos de

¹¹ EDITAL 2020. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/wp/?page_id=4190. Acesso em: 13 jun. 2020.

¹² EDITAL 2020. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/wp/?page_id=4190. Acesso em: 13 jun. 2020.

dados centrais e um índice expandido adicional com revistas de um ranking menor – o Science Citation Index Expanded – e, também, inclui outros bancos importantes como o SciELO, que é brasileiro. Ainda de acordo com observações realizadas pelo mesmo autor, a antiga Thomson Reuters tem como concorrente a editora Elsevier, que usa procedimentos bibliométricos muito parecidos e que publica mais de 2.500 revistas científicas próprias, sendo dona da base de dados Scopus. Essas empresas entendem o inglês como a língua da ciência e trabalham para isso.

A consideração dessa série de aspectos nos leva a concluir que, para a Universidade de São Paulo, o processo de internacionalização (e seu modo de operar) se apresenta na evidência: não é objeto de definição e nem sequer é abordado do ponto de vista das políticas de linguagem e, especificamente, de línguas – algo que poderia se materializar, como veremos, mediante a constituição, por exemplo, de uma comissão de especialistas. Vemos que essa ausência, ou esse silêncio, tem consequências numa das universidades mais importantes da América Latina e joga a favor de que o “sentido universal”, segundo o qual o inglês é a língua das CES, que se normaliza e chega a se apresentar como “natural”. Interpretamos essa ausência ou silêncio como um gesto de subordinação ao processo que coloca o inglês como pressuposto e que, sobretudo, não oferece resistências e, portanto, para usar um termo chave nas demandas postas para a pesquisa na contemporaneidade, não é “inovador” – apenas se submete a um processo ideológico sem oferecer resistência e, muito menos, alternativas.

2.2 As línguas de submissão nos periódicos do Portal

Neste item, a pergunta orientadora será a seguinte: quais são as línguas indicadas para a submissão de artigos nas revistas diretamente ligadas a Universidade de São Paulo visto que essa instituição está fortemente inscrita no referido processo de internacionalização? A interrogação envolve questões de política de língua(s) dentro do universo de periódicos ligados à USP indagando, especificamente, sobre como nessas revistas a indicação aparece explicitada ou não e se, inclusive, em alguns casos, se materializa na publicação.

Foi por meio do Portal de Revistas USP que obtivemos acesso aos 188 periódicos publicados sob a responsabilidade dessa Universidade, entre junho e julho de 2019, e fazendo uso de uma listagem por “áreas do conhecimento”, conforme definida pelo próprio Portal, construímos oito tabelas para conhecermos quais eram as línguas aceitas para submissão de artigos por parte de cada revista. As áreas do conhecimento são: Ciências Agrárias; Ciências Biológicas; Ciências da Saúde; Ciências Exatas e da Terra; Ciências Humanas; Ciências Sociais Aplicadas; Engenharias; Linguística, Letras e Artes. Na coluna principal dessas tabelas registramos nosso corpus central: os fragmentos com a indicação das línguas de submissão de artigos os quais foram retirados, principalmente, das abas “sobre a revista” ou “submissão” que são comuns a todas as páginas dos periódicos vinculados ao Portal USP. Depois, abordamos esse corpus através do dispositivo teórico da Análise do Discurso de linha materialista com o intuito

de detectar as regularidades nos modos de se referir e de dizer em relação às línguas.

Apresentamos uma tabela que oferecerá uma aproximação ao corpus e uma síntese com relação às línguas de submissão, que, ao menos inicialmente, revela parte das respostas à pergunta delimitada como principal nesta pesquisa. Na tabela, registramos da esquerda para a direita: i) a área de conhecimento; ii) o número de revistas por área; iii) a quantidade de periódicos correntes (isto é, que estão ativos e, portanto, são passíveis de análise); iv) as línguas indicadas para a submissão de artigos e entre parênteses o número de revistas que designa essas línguas de modo expresso:

Tabela 1 – As línguas de submissão nas Revistas do Portal USP

Áreas do Conhecimento	Nº de Revistas por área	Revistas Correntes	Língua(s)
Ciências Agrárias	5	2	Inglês (2)
Ciências Biológicas	15	6	Português (3); Inglês (6); Espanhol (2); Francês (1)
Ciências da Saúde	25	18	Português (13); Inglês (18); Espanhol (11); Francês (1)
Ciências Exatas e da Terra	16	3	Português (1); Inglês (3)
Ciências Humanas	56	44	Português (38); Inglês (28); Espanhol (33); Francês (15); Italiano (7); Alemão (1); Castelhana (1); Outras (2)
Ciências Sociais Aplicadas	37	32	Português (24); Inglês (26); Espanhol (19); Francês (8); Galego (1) Italiano (3) Alemão (2)
Engenharias	1	1	Português (1); Inglês (1)
Linguística, Letras e Artes	33	28	Português (25); Inglês (13); Espanhol (19); Francês (11); Italiano (2); Alemão (2); Português Europeu (1); Chinês (1); Russo (1); Outras (2)
Totais:	188	134	10 línguas nomeadas

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Na quarta coluna aparecem as dez línguas especificadas nas indicações para submissão das revistas consultadas. Está registrada também a existência de alguns casos em que a enumeração que aparece para designar as línguas se encerra com o sintagma “e outras” o qual ao mesmo tempo em que mostra uma abertura ao multilinguismo, nos parece especialmente indeterminado. Cabe esclarecer que, na série de enumerações presentes no quadro, o “castelhana” e o “espanhol” são interpretados como duas designações para a mesma língua; e no caso do “português” e do “português europeu” foram considerados duas línguas, levando em conta não apenas a materialidade dessas duas nomeações, mas também conclusões elaboradas no final do século passado nos estudos

sobre o “Português Brasileiro”.

Numa aproximação quantitativa, observamos o total de 10 línguas indicadas para a submissão de artigos, sendo o inglês a língua que possui indicação em todas as oito áreas, o português em 7 delas e o espanhol e o francês em 5. Notamos também que a abertura para as demais línguas se dá nas áreas de: Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas e, Linguística, Letras e Artes.

Passamos, neste ponto, a analisar discursivamente o corpus, nos concentrando em quais línguas são designadas e de que modo são significadas nas orientações para submissão. Em alguns casos, essas análises serão colocadas em relação com as respostas recebidas de pontuais questionários enviados às comissões editoriais de determinados periódicos, o que fizemos a partir de interrogações surgidas na interpretação do corpus.¹³ Eventualmente, será preciso recorrer ao corpo da revista para confirmar a equivalência das línguas de publicação com as indicadas nessas orientações.

Essa análise nos levou a delimitar quatro séries com relação aos 188 periódicos, sendo que em cada uma delas é possível distinguir uma linha política com relação à(s) língua(s). Essas quatro séries são compostas por: i) os periódicos nos quais opera uma identificação com as políticas dos indexadores e bases de dados citadas no segundo item deste texto e, assim, aderem ao modo como o texto de apresentação do Portal de Revistas projeta a internacionalização; ii) os que, em sua política editorial, mostram abertura a mais de uma língua; iii) os que indicam apenas o português; e iv) os que sequer indicam quais são as línguas para submissão de artigos.

A respeito da primeira série, revistas com comissões editoriais identificadas com a ideia do inglês como a língua universal da ciência, o processo não é igual em todas as oito áreas de conhecimento abordadas, e tampouco, entre as próprias revistas de cada uma delas. De modo geral, nas áreas de Ciências Agrárias, Ciências Biológicas, Ciências da Saúde, Ciências Exatas e da Terra e de Engenharias, o inglês apareceu fortalecido e pudemos perceber sua posição de língua central. Na das Ciências Sociais Aplicadas manteve esse lugar, porém junto com a indicação de várias outras línguas (português, espanhol, francês, galego, italiano, alemão). E nas das Ciências Humanas e de Linguística, Letras e Artes só permaneceu central em alguns casos, pois, de modo geral, tornou-se menos presente que o português e o espanhol e, deixou de ser uma das línguas indicadas por uma quantidade de vezes significativa: 26 de um total de 67 revistas das duas áreas.

Uma das regularidades encontradas nos fragmentos dessas revistas que levam à consolidação do inglês é a injunção a escrever nessa língua, que se manifesta de algumas formas:

¹³ Cabe registrar que apresentamos nosso projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP) registrado sob o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) 13349219.3.0000.5390 e recebemos aprovação do Parecer Consubstanciado. Número do Parecer: 3.460.781, aos 18 de julho de 2019.

Mediante enunciados formulados na modalidade deôntica e, inclusive, com formas lacônicas:

O manuscrito deve ser enviado apenas em inglês. (Papéis Avulsos de Zoologia (São Paulo). Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/paz/about/submissions>. Acesso em: 18 jul. 2019.)

Algumas vezes, inclusive, indicando equipes ou empresas especializadas em tradução:

REVISÃO PROFISSIONAL DE INGLÊS / Por favor, tenha em mente que os manuscritos aceitos (incluindo editoriais) devem ser enviados pelos autores para a empresa American Journal Experts (<https://www.aje.com>) para edição premium antes da publicação. Os manuscritos devem usar a ortografia do inglês americano. (Clinics. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/clinics/about>. Acesso em: 19 jul. 2019.)

Em casos de revistas que indicam várias línguas, mediante o encorajamento aos autores para escreverem em inglês:

Aceitamos submissões em inglês ou português, porém, encorajamos fortemente que os autores publiquem seus textos em inglês. (Revista da Biologia. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/wp/?p=2876>. Acesso em: 18 jul. 2019.)

Mediante políticas de bilinguismo com favorecimento para o inglês:

São aceitos manuscritos nos seguintes idiomas: português, espanhol e inglês. Os artigos submetidos em português ou espanhol são traduzidos por nossa revista para o inglês e publicados nos dois idiomas. Para artigos submetidos em inglês, não há tradução para o português. (Revista de Saúde Pública. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rsp/onlinesubmission>. Acesso em: 19 jul. 2019.)

Mediante uma contraposição entre língua de submissão e de publicação, que surge como interpretação possível da leitura da orientação. No caso de uma das revistas há indicação de três línguas, porém com uma observação: se o envio – por parte do interessado – não for feito em inglês, o manuscrito será substituído, no momento da publicação, por uma tradução para essa língua. Vejamos o fragmento com a respectiva orientação:

No ato da submissão on-line, o manuscrito deverá ser encaminhado à Paidéia em um dos seguintes idiomas: português, inglês ou espanhol. [...] Em caso de aprovação, os artigos serão publicados em inglês,

tanto na versão impressa como na versão on-line. Ou seja, para que seja publicado, os autores deverão providenciar a versão completa do manuscrito (tal como aprovado) para o inglês e arcar com os custos de sua tradução. **Para assegurar a qualidade e uniformidade dos textos traduzidos para o idioma inglês, esse trabalho deverá ser realizado necessariamente por um dos tradutores indicados e credenciados junto à revista.** (Revista Paidéia (Ribeirão Preto). Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/paideia/onlinesubmission>. Acesso em: 13 jun. 2019. Grifos nossos.)

Ainda dentro dessas formas nas quais se materializa a injunção a escrever em inglês, por vezes aparecem especificações, tais como as que destacamos nesse fragmento da Revista Paidéia, que subordinam a autoria a um trabalho de revisão e/ou de tradução por parte de um terceiro. Desse modo, a revista parece não considerar ou não dar a cabida importância à mestria da escrita do pesquisador ou pesquisadora na produção de conhecimento numa língua específica. Opera-se, assim, na contramão do que Hagège (2013, p. 122 apud ARNOUX, 2016)¹⁴ aponta: há um vínculo profundo entre o pesquisador e sua língua, na qual possui suas próprias liberdades e suas próprias restrições cognitivas, e é justamente por isso que o pesquisador pode mais facilmente inovar pois, com conforto, pode chegar ao extremo de suas intuições. Em sua própria língua, ainda segundo essa autora, o pesquisador tem mais vantagens na argumentação devido ao modo de raciocinar e de conceituar que lhe é inerente. Consequentemente, esse domínio preciso é o que está posto em xeque quando se favorece um processo de imposição de uma língua. Nesse mesmo sentido, apontamos ainda que essa alta determinação do inglês como língua da ciência chega a atingir o que Orlandi (1996, p. 69) chama de “função-autor”: uma função da noção de sujeito da linguagem, “responsável pela organização de sentido e pela unidade do texto” que “se realiza toda vez que o produtor da linguagem se representa na origem, produzindo um texto com unidade, coerência, progressão, não-contradição e fim”.¹⁵

Vemos que esse processo presente nas áreas abordadas na primeira série aqui delimitada, no qual predomina a injunção a escrever em inglês, está totalmente regrado: por vezes, interpela-se o autor a “escrever bem em inglês” ou, inclusive, a “escrever num bom inglês”; em outros momentos, prevê-se a figura de um par (outro cientista) cuja primeira língua é o inglês ou se antecipa a necessidade da revisão por parte de uma empresa particular sugerida com vistas a evitar a possibilidade do uso de um “inglês inadequado”.

Passamos agora à segunda das quatro séries delimitadas: periódicos com mais de uma língua para submissão. Nela, destacamos duas regularidades. A primeira relaciona-se com gestos que promovem tipos de bilinguismo e a segunda com a nomeação de pares de línguas específicos: ou o português e o espanhol, ou o português e uma das línguas de habilitação de algum dos departamentos do Curso de Letras da Faculdade

de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH). No primeiro caso, a política de bilinguismo mais recorrente é a que leva ao favorecimento do inglês, tal como vimos e exemplificamos com a Revista de Saúde Pública (no ponto “d”, exposto na série anterior). Para além dessa, há também propostas de bilinguismo que favorecem o português:

As línguas podem ser: inglês, espanhol, italiano ou francês (todos serão traduzidos para o português). (Comunicação & Educação. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/comueduc/about/submissions>. Acesso em: 13 jun. 2019.)

E destacamos, também, um único caso em que o português e o inglês são colocados em paridade:

6. Os originais serão publicados em língua portuguesa e inglesa. Só serão aceitos trabalhos cujos autores concordem com a versão do seu artigo para a língua inglesa, a ser providenciada pela RC&F, com vistas à publicação no mesmo periódico ou, vice-versa, com a tradução de inglês para português. (Revista Contabilidade & Finanças (RC&F). Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rcf/onlinesubmission>. Acesso em: 13 jun. 2019.)

Quanto à segunda regularidade da série que abordamos, salientamos que se relaciona apenas com as áreas de Ciências Sociais Aplicadas, de Ciências Humanas e de Linguística, Letras e Artes, e com o fato de indicar determinados pares de línguas. Nessas três áreas interpretamos que a abertura para as línguas é maior, fato que nos leva a deixar de lado a centralidade ocupada pelo inglês – tal como observamos até agora – e passar a abordar propostas que incluem outros pares de línguas. As indicações do par “português-espanhol” são maioria. Já as do português com outra língua, como antecipamos, correspondem aos periódicos vinculados a programas de pós-graduação que funcionam no curso de Letras. Assim, temos 3 pares particulares de línguas para submissão: “português e francês” (revista Non Plus do programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês); “italiano ou português” (Revista de Italianística da Área de Língua, Literatura e Cultura Italianas e Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Italianas); e “chinês e português” (revista estudantil Zi Yue do Departamento de Letras Orientais).

Ainda nessa segunda série, a submissão de artigos a periódicos que estão abertos para mais de uma língua, passamos à consideração de outros aspectos que ainda julgamos relevantes. Dentre esse conjunto, nos chamou a atenção o funcionamento da Revista Latino-Americana de Enfermagem, na qual todas as publicações constavam em três línguas (português, espanhol e inglês). A política linguística que interpretamos que aí se inscreve nos pareceu diferenciada de todas as que vimos e, por isso, através de um pequeno questionário fizemos as seguintes perguntas à respectiva comissão editorial:

i) a quais razões responde essa decisão, já que imaginamos que pode ter sido definida conscientemente?; e ii) qual (quais) é (são) o(s) motivo(s) de o espanhol ser uma das línguas possíveis? Vejamos a resposta recebida:

A Revista Latino-Americana de Enfermagem é órgão oficial de divulgação científica da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo e do Centro Colaborador da OPS/OMS¹⁶ para o Desenvolvimento da Pesquisa em Enfermagem e tem como missão publicar resultados de pesquisas científicas de enfermagem e de outras áreas de interesse para profissionais da área de saúde. Por este motivo a opção de publicar nas 3 línguas, por ser Centro Colaborador deve atender populações da América-latina e Caribe, com o espanhol, o Português, língua pátria e o Inglês, língua de comunicação global.

Como esclarecido, o motivo para a publicação nessas três línguas é o fato de essa revista ser órgão oficial de divulgação, principalmente, do Centro Colaborador da OPS e da OMS. Sabendo-se que as línguas mais utilizadas nas Américas são essas, entendemos a razão desse gesto político. Contudo, é nossa obrigação como analistas marcar que o sujeito desse discurso também parece estar tomado pelo pressuposto de que o inglês é “língua de comunicação global”, tal como se materializa no respectivo aposto. Nesse sentido, se diz algo tanto do português (“língua pátria”) quanto do inglês, mas não se coloca um aposto para o “espanhol”: essa falta parece indicar a presença (por ausência) de um pré-construído, em que se reconhece que a língua portuguesa não basta para a circulação na América Latina. Será que esse fato entra em relação com o mito segundo o qual haveria uma dificuldade que faz do português uma língua pouco acessível ao leitor hispano (SCHWARTZ, 1993) Nessa tríade, a presença do inglês instala perguntas e mostra a fragilidade do par português-espanhol na circulação de conhecimento para o âmbito – fragilidade que associamos a uma falta de investimentos em políticas linguísticas para as CES na região.

A terceira série, na qual incluímos revistas que indicam apenas o português, fez-se presente na análise das áreas Ciências Humanas e Linguística, Letras e Artes. De certo modo, esse gesto materializa uma política linguística de produção e de circulação do conhecimento. Ao observarmos quais são os objetivos desses periódicos na aba “sobre a revista”, vemos que se concentram na circulação e no debate entre pares acadêmicos, fato que nos leva a levantar uma pequena hipótese: a língua portuguesa seria suficiente nesse intercâmbio projetado apenas no interior do espaço institucional brasileiro, como marca de um determinado momento no qual foi fundada e desenvolvida a reflexão nessas áreas dentro da Universidade de São Paulo, criada em 1934. Além disso, em alguns casos, a presença dessa língua teria a ver com as especificidades dos objetos abordados. No entanto, a ausência de outras línguas parece funcionar como marca de um apego à

¹⁶ As siglas se referem à “Organização Pan-Americana da Saúde” e à “Organização Mundial da Saúde”.

“língua nacional” do Brasil, a que ela funcione como pressuposto do diálogo projetado e, nesse sentido, assinala possíveis defasagens que devem ser analisadas com cuidado. Contraditoriamente, também contribui para marcar a necessidade de não abrir mão dessa língua na produção de determinadas formas de conhecimento, algo relevante no contexto contemporâneo.

Quanto à quarta e última série, que inclui os periódicos que não fazem registro das línguas de submissão (11 do total de 134 periódicos correntes), começaremos dizendo que essa ausência parece indicar um vazio de reflexão sobre o papel das línguas nas CES. Entre os diversos fatores a que se poderia atribuir tal vazio, faremos referência a um que consideramos central: a falta de iniciativas por parte da Universidade de São Paulo com relação a abrir a discussão a respeito de políticas linguísticas no ensino superior e na produção de conhecimento. Como exemplo, relatamos um caso bastante regular em instituições do Cone Sul nos últimos anos: a constituição de comissões de políticas linguísticas vinculadas às reitorias das universidades, formadas por especialistas capazes de acompanhar o processo de internacionalização com propostas que não se limitam a cumprir o papel de subordinar-se a um processo ideológico que naturaliza o inglês como a língua universal das CES. Esse gesto implica abrir à escuta e dar a voz à área de Humanidades que, dentro do horizonte científico contemporâneo, poderia levantar advertências e contribuir em muito para delinear políticas inovadoras.

De fato, ainda nesse sentido, no âmbito internacional e nacional, há iniciativas significativas. Mencionamos especialmente três casos: i) a convocatória “Por uma ciência e uma educação superior pública, gratuita, crítica, científica, humanista e intercultural, baseadas em modelos plurilíngues de investigação e docência”, aprovada pela Assembleia Geral no XVIII Congresso Internacional da “Associação de Linguística e Filologia da América Latina” (ALFAL)¹⁷; ii) as Conclusões do Seminário “A Internacionalização das CHSSA: dimensões conceituais” que decidiu, em termos linguísticos, com relação à produção de conhecimento, “manter a via anglófona e definir estratégias para inclusão de português, espanhol e outras línguas na internacionalização”;¹⁸ e iii) as propostas de anti-ranking que, aplicadas a universidades argentinas, tornaram conhecidas as diferentes culturas científicas, estilos de circulação e combinações de interações locais, nacionais, regionais e internacionais (BEIGEL, 2018). Nesse caso, dentro de uma proposta de cooperação sul-sul e que se concentra na consideração da América Latina, cabe salientar o lugar dado ao português como língua de produção de conhecimento.

3 Considerações finais

Em nossa análise, certas áreas já mostram que consolidaram o inglês como “a” língua (principalmente as das Ciências Agrárias, Ciências Biológicas, Ciências da Saúde, Ciências Exatas e da Terra e de Engenharias); em compensação, as áreas das Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas e Linguística, Letras e Artes parecem

investir – em muitos casos, pelas especificidades de seus objetos de estudo – em manter, cada uma, seu leque de línguas. Nesse sentido, a necessidade de refletir sobre políticas linguísticas se faz realmente imprescindível na Universidade de São Paulo, para não dar continuidade a uma posição marcada por uma espécie de filosofia espontânea (PÊCHEUX, 1988) que alicerça uma política de línguas não declarada explicitamente, a qual consiste em deixar fluir uma relação de subalternidade a respeito do inglês. O fato de essa instituição – tal como mostramos no item 2.1. deste artigo – aceitar o processo de internacionalização como algo que se apresenta na evidência e que, portanto, não é objeto de definição nem de específica apropriação a leva a se submeter, sem reflexão, à política de língua(s) implícita. No contexto geopolítico da América do Sul, a internacionalização e a questão linguística implícita deveria ser (re)pensada e, portanto, ressignificada em conjunto com as universidades da região.

Para concluir, cabe ressaltar uma marca que se fez presente em algumas revistas e, para isso, daremos o exemplo do periódico estudantil *Mecatrone*, da área de Engenharias, que faz parte do grupo de revistas em que não encontramos a indicação das línguas no site. A resposta que um dos editores nos enviou mediante o contato que fizemos por e-mail para saber quais eram as línguas (ou língua) aceita(s) para submissão mostra essa marca muito bem: “Temos artigos publicados em português e em inglês, mas **acredito que outras línguas também sejam aceitas**” (grifos nossos). O fragmento destacado parece trazer um raciocínio que espontaneamente remete a um certo bom senso: o de se abrir a outras línguas, para além do par português/inglês. A referência a “outras línguas” – presente também em fragmentos retirados de outras revistas do Portal USP – apresenta uma carga de indeterminação que não se confirma nos idiomas que aparecem na sua publicação. Aproveitamos para dizer, no entanto, que a fala espontânea registrada no fragmento citado favorece a ideia de que as línguas poderiam ser muitas ou outras o que, de fato, interpretamos como um raciocínio salutar que seria produtivo recuperar, sob um trabalho de reflexão, no campo da produção e circulação de conhecimento.

Referências

ARNOUX, Elvira Narvaja de. Minorización lingüística y diversidad: en torno al español y al portugués como lenguas científicas. In: GARCIA, Marcus Vinícius Carvalho et al. (Org.) *Anais do Seminário Ibero-americano de Diversidade Linguística*. Brasília, DF: IPHAN, 2016. 344 p.

BEIGEL, Maria Fernanda. Las relaciones de poder en la ciencia mundial. Un anti-ranking para conocer la ciencia producida en la periferia. *Nueva sociedad*, mar-abr, 2018. <http://nuso.org/articulo/las-relaciones-de-poder-en-la-ciencia-mundial/>. Acesso em: 18 dez. 2019.

CELADA, María Teresa. Processos de gramatização e instrumentos linguísticos. In: CELADA, María Teresa; FANJUL, Adrián Pablo. *Língua(s) e política. Conceitos e casos na América do Sul*, São Paulo: EDUSP. [no prelo].

GUIMARÃES, Eduardo. Semântica do Acontecimento. Campinas: Pontes, 2002.

HAMEL, Rainer Enrique. El campo de las ciencias y la educación superior entre el monopolio del inglés y el plurilingüismo: Elementos para una política del lenguaje en América Latina. *Cadernos de Lingüística Aplicada*, v. 52. n. 2, p. 321-384, 2013. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8645377>. Acesso em: 30 mar. 2019.

HAMEL, Rainer Enrique. Los flujos del imperio. La construcción del monopolio del inglés en el campo de las ciencias y la educación superior - Alternativas desde América Latina, México: manuscrito, 2016. Disponível em: <https://hamel.com.mx/Archivos-Publicaciones/Hamel-2016-Los-flujos-del-imperio.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2019.

HAMEL, Rainer Enrique. Política del lenguaje en el campo de las ciencias y la educación superior en América Latina. Políticas e tendências de internacionalização do ensino superior no Brasil, 2021. p. 73-99. Disponível em: <https://livros.unb.br/index.php/portal/catalog/book/98>. Acesso em: 09 mai. 2021.

HELENE, André Frazão. O papel da produção em língua inglesa na área de ciências biológicas. As línguas na produção de conhecimento científico e na educação superior (Org.), Programa de pós-graduação em Língua Espanhola e Literatura Espanhola e Hispano-Americana. FFLCH. USP. 2017. Disponível em: <http://fflch.usp.br/464>. Acesso em: 12 fev. 2019.

ROSA, Larissa da Silva. As línguas de submissão (e de publicação) nos periódicos do Portal de Revistas USP. Iniciação Científica. São Paulo: FFLCH. USP. 2020.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Autoria e interpretação. In: ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996. p.69.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Apresentação. Há palavras que mudam de sentido, outras... demoram mais. In: ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Política linguística no Brasil*. Campinas: Pontes, 2007, p. 7-10.

ORLANDI, Eni. Discurso, imaginário social e conhecimento. *Em aberto*, v. 14, n. 61, 1994.

ORTIZ, Renato. As ciências sociais e o inglês. *Rev. bras. Ci. Soc.* [online]. 2004, v. 19, n. 54, p.5-22.

PÊCHEUX, Michel. Semântica e discurso. Uma Crítica à Afirmação do Óbvio. Trad. Eni Puccinelli Orlandi, Lourenço Ch. Jurado Filho, Manoel L. Gonçalves Corrêa e Silvana Serrani. Campinas: Editora da Unicamp, 1988. [original em francês: *Les vérités de la Palice*. 1975].

SCHWARTZ, Jorge. ¡Abajo Tordesillas! *ReEista Casa de las Américas*, n. 191, p. 26-35, abr-jun. 1993.

